

## OS ARGUMENTOS DE HUME CONTRA O EGOÍSMO CÉTICO

André Luiz Olivier da Silva (Balcão/CNPq), Adriano Naves de Brito (orientador) -  
Centro de Ciências Humanas/Universidade do Vale do Rio do Sinos/UNISINOS -  
- [aolivierdasilva@yahoo.com.br](mailto:aolivierdasilva@yahoo.com.br)

Almejo, nesta apresentação, defender, a partir de David Hume (1711 \* 1776), a tese de que o fundamento da moral não é o egoísmo. Tomarei como base de estudo a obra \*Investigação sobre os princípios da moral\*, de Hume, que foi publicada em 1751. Nessa obra ele argumenta contra os cétricos que julgam que o egoísmo é o fundamento da moral. Irei expor também o método empirista adotado pelo autor para formular esses argumentos. Na vida cotidiana, as pessoas aprovam ou reprovam as qualidades morais, e expressam essa diferença com o uso de palavras. Hume observa o uso que as pessoas fazem das palavras para distinguir entre vícios e virtudes, e isto constitui a base de seu método empirista. De acordo com Hume, o critério que distingue virtude e vício é a utilidade que, segundo ele, agrada aos homens naturalmente. No entanto, uma abordagem empirista, como a de Hume, pode levar à conclusão de que a moral só seria justificável por um critério subjetivo, a saber, por aquilo que é útil e agradável a cada um. Logo, um critério egocêntrico. Contudo, Hume é um otimista quanto à natureza humana, pois acredita que esta colocou nos homens um real interesse em promover o bem público. A teoria moral humeana não se opõe às virtudes sociais e públicas, ao mesmo tempo em que defende as paixões como fundamento da moral. Assim, a conclusão de que o empirismo leva a que se fundamente a moral só no amor de si mesmo estaria equivocada. Para Hume, a moral não se funda no amor próprio, pois o ser humano toma como critério para fazer as distinções morais o princípio da utilidade, para o qual é inerente a referência ao público e ao interesse dos demais.

Palavras-chave: empirismo moral, amor de si, utilidade